



<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/raead>

INSS: 00000000

O desenvolvimento da autonomia no processo de aprendizagem em Educação a Distância (EAD)

Autor 1¹: Raimunda Maria da Cunha Ribeiro

Autor 2²: Carmen Maria Cavalcante Nogueira de Carvalho

Resumo: A Educação à Distância (EaD) é um processo relativamente novo no Brasil e que precisa de um esforço, no sentido de acertar, para que se possa ter cursos de inequívoca qualidade e autonomia acadêmica. O objetivo deste estudo é refletir sobre a construção da autonomia no processo de aprendizagem em Educação à Distância. A metodologia foi a seguinte: pesquisa qualitativa, de caráter teórico e bibliográfico, descritivo e exploratório, cuja técnica de coleta de dados foi a análise de literatura. Os principais autores que deram base para o desenvolvimento do texto foram: Mizukami (1986); Campos (1991); Freire (1997); Moreira, Arnold e Assumpção (2006); Valente, Prado e Almeida (2003), entre outros. É possível inferir que a Educação à Distância poderá se consolidar como uma modalidade forte, capaz de competir, em pé de igualdade, com a modalidade regular, principalmente se todos os seus partícipes se envolverem e se comprometerem com a formação sólida dos estudantes.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Aprendizagem. Autonomia. Educação a distância.

¹ Licenciada em Pedagogia/UFPI; Especialista em Filosofia e Existência/UCB; Mestre em Educação/UCB; Doutoranda do PPG/EDU da PUCRS em Porto Alegre; Professora Assistente da Universidade Estadual do Piauí.

² Licenciada em Ciências Biológicas/UESPI; Especialista em Botânica, em Gestão e Manejo Ambiental em Sistemas Florestais, em Educação, Desenvolvimento e Políticas Educativas; Mestranda em Educação; Coordenadora da Universidade Aberta do Brasil em Corrente-PI



O ensino na modalidade à distância é uma tendência que tem cada vez mais ganhado força, no sentido de atender às demandas relacionadas ao acesso e à universalização da educação. Tem atingido um número cada vez maior de alunos em todo o país, mesmo enfrentando as dificuldades que lhes são peculiares.

Um dos pontos mais discutidos em se tratando de Educação a Distância (EAD) é a aprendizagem autônoma por parte do aluno, visto que é uma modalidade diferente da presencial e tanto o aluno quanto o professor/tutor têm ainda pouca experiência em relação a esse tipo de educação.

Frente a isso, algumas questões serviram de norte na elaboração desse texto: o que é aprendizagem, segundo algumas Teorias da Psicologia? Como se processa a aprendizagem em EAD? Por que a autonomia é tão necessária para a aprendizagem em EAD? Partindo desta problemática, este estudo se propõe a refletir sobre a modalidade de Educação a Distância no que se refere à construção da autonomia no processo de aprendizagem.

Este artigo tem como fundamento estudos realizados por alguns autores que tratam especificamente das teorias da aprendizagem e da construção da autonomia na Educação a Distância.

1. O processo de aprendizagem em EAD

A aprendizagem está inevitavelmente ligada à história do homem e à sua construção, enquanto ser social com capacidade de adaptação às novas situações. Desde sempre se ensinou e se aprendeu, de forma mais ou menos elaborada e organizada. O estudo da aprendizagem centrou-se em aspectos diferentes, de acordo com as diversas correntes da Psicologia e com as diferentes perspectivas que cada uma defende.

Definir o que é aprendizagem de forma completa e satisfatória não é tarefa fácil. Mesmo as definições mais aceitas são passíveis de críticas, porque tentar conceituá-la de uma forma totalizadora é um tanto arriscado. Assim como não existe uma única resposta para designar o que é aprendizagem, também não existe uma única forma do ser humano aprender, ou seja, aprender é tão pessoal como as impressões digitais de cada pessoa.

Autores como Campos (1991) e Rocha (1980) expressam que aprendizagem pode ser definida como uma modificação sistemática do comportamento, com um sentido de progressiva adaptação ou ajustamento, ou ainda, como uma mudança relativamente permanente em uma tendência comportamental ou na vida mental do sujeito, resultantes de uma prática reforçada. Aqui, pode-se perceber a forte influência da psicologia Behaviorista/Comportamentalista, muito presente nas escolas brasileiras, principalmente nas décadas de 1960, 1970 e 1980.

Nessa perspectiva do conceito comportamentalista, o ensino consiste em um arranjo e planejamento de contingência de reforço sob as quais o aprendiz aprende, sendo de responsabilidade do professor assegurar a aquisição do comportamento. A ênfase da proposta de aprendizagem se encontra na organização e estruturação dos elementos para as experiências curriculares (MIZUKAMI, 1986).

Contrapondo à abordagem comportamentalista, os cognitivistas apresentam uma explicação para o processo de ensinar e aprender. Diferente do que pensam os comportamentalistas de que a aprendizagem é garantida pela sua programação, até atingir o comportamento final desejado, estes reforçam o fundamento de que o ensino deve priorizar as atividades do sujeito, onde aprender implica o desenvolvimento de operações mentais.

Nesse sentido, a teoria cognitivista defende um ensino baseado no ensaio e no erro, na pesquisa, na solução de problemas por parte do aluno e não na aprendizagem de fórmulas, nomenclaturas e definições, intensificando assim, a ideia de aprendizagem como o exercício operacional da inteligência (MIZUKAMI, 1986). É a aprendizagem explicada a partir do estímulo no educando à formação de destrezas cognitivas.

Ainda em Mizukami (1986), o ensino e a aprendizagem podem ser explicados no contexto da teoria humanista, como um processo centrado na pessoa. Por essa razão, é também denominada de teoria não-diretiva. A não-diretividade é considerada um método não estruturante do processo de aprendizagem, no qual o professor se abstém de intervir diretamente no campo cognitivo e afetivo do aluno. O ensino, nesse caso, consiste num produto de personalidades únicas, respondendo a circunstâncias também únicas, num tipo especial de relacionamento. Isso significa dizer que a educação, nesta perspectiva, faz-se no grupo e pelo grupo, de modo que este é quem toma a função de educador e o professor é apenas o animador do grupo.

Uma tendência forte de aprendizagem, principalmente nas últimas décadas do século XX, adotada pelas escolas brasileiras, foi a teoria da aprendizagem significativa defendida por David Ausubel. Segundo Ronca (1980), para que ocorra a aprendizagem significativa é necessário um relacionamento entre o conteúdo a ser aprendido e aquilo que o aluno já sabe, especificamente com algum aspecto essencial da sua estrutura cognitiva. Esse tipo de aprendizagem exige um esforço de raciocínio do aluno para além da memorização e da mudança de comportamento ao nível de categoria de conhecimento. Acredita-se ser um tipo de aprendizagem para a construção e o desenvolvimento da autonomia do aluno enquanto sujeito do processo.

Apesar de não ser possível conceber um único conceito para o termo aprendizagem, pode-se perceber algumas características resultantes das contribuições das várias teorias. Campos (1991) as dispõem nesses termos: processo dinâmico, contínuo, pessoal, gradativo e cumulativo.

Sem educação, o homem é apenas uma possibilidade, uma memória vaga e um potencial sem realização; destituído desse benefício, ele apenas apresenta-se como um dos seres mais desmunidos da escala zoológica.

A aprendizagem é uma experiência gratificante e permanente que só se logra em um ambiente de confiança e gozo, e onde haja liberdade de pensar, de investigar, de expressar-se e de decidir. É, portanto, o que se pode chamar de autonomia acadêmica.

Assim, a educação foi e é uma ação promotora e iniciadora de valores, uma busca de discernimento. Por isso, há urgência em se conceber uma forma de educar, baseada numa visão inovadora e autônoma, pressupondo um compromisso para tornar seres humanos cada vez mais “pessoas” e menos “indivíduos”.

A sala de aula não é mais a mesma de outrora. A tecnologia há algum tempo, restrita às aulas de informática, passa a fazer parte do cotidiano de alunos e professores. A Educação a Distância (EAD) vem se caracterizando não mais como uma atividade isolada, mas como uma forma de criar grupos de aprendizagem, integrando a aprendizagem pessoal com a grupal.

A EAD é vista atualmente como um mecanismo capaz de contribuir no processo de formação inicial e continuada dos estudantes, proporcionando-lhes a capacidade de

formação da autonomia acadêmica, uma vez que a autoaprendizagem é dos fatores essenciais de sua realização. É um processo centrado no aprendiz, cujas experiências são aproveitadas como “âncora” na aprendizagem, definindo-lhe com um perfil de gestor de seu processo de aprendizagem, capaz de dirigir, avaliar e regular a própria aprendizagem.

2. A construção da aprendizagem autônoma em EAD

A mais recente Conferência Mundial sobre o Ensino Superior ocorreu em Paris em julho de 2009, na qual foram discutidos, entre outros apontamentos, o acesso, a igualdade e a qualidade, reportando-se à EAD, como um dos mecanismos da governança acadêmica atual. Nesse sentido, o documento resultante dessa Conferência, suscita algumas reflexões tais como: a sociedade do conhecimento precisa de diversidade nos sistemas de educação superior, como uma gama de instituições que tenha uma variedade de ordens e abranja tipos diferentes de alunos; as abordagens EAD e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) apresentam oportunidades para ampliar o acesso de uma educação de qualidade; a aplicação de TIC para ensinar e aprender tem um imenso potencial para aumentar o acesso, a qualidade e o sucesso. Frente a isso, a discussão gira em torno da autonomia do processo de aprendizagem, de autodeterminação, autodisciplina e autoavaliação.

Na perspectiva de Moreira, Arnold e Assumpção (2006), em ambientes virtuais de aprendizagem, a ação cognitiva não se limita ao manuseio dos recursos tecnológicos. O que se deve entender, portanto, sobre aprendizagem é o seu sentido de interação permanente entre o estudante/sujeito do processo e o conteúdo/objeto do processo. Ao professor cabe apoiar o aluno no enfrentamento de suas dificuldades e de seus erros, condição primeira na elevação de seu nível de competência cognitiva e de autonomia, para aprender aquilo que lhe é ensinado à distância.

O aluno deve desenvolver a capacidade de autonomia para garantir a condução e a efetivação de sua aprendizagem, uma vez que não dispõe diretamente do acompanhamento presencial do professor, para realizar seus estudos e construir o conhecimento. Por isso, há a ideia de que o aluno da EAD tem maior oportunidade de desenvolvimento de leitura, análise, interpretação de textos científicos e, conseqüentemente a capacidade investigativa no processo de aprendizagem.

Assim o professor, mais conhecido como tutor, deve se atentar às diferentes necessidades dos alunos, ajudando cada um a progredir, a partir de seus conhecimentos disponíveis. Para tanto, é importante construir uma atmosfera favorável, estimulando os alunos a participar, para que ocorra a aprendizagem significativa (MOREIRA, ARNOLD e ASSUMPÇÃO, 2006). Da mesma forma da educação regular, a EAD não deve perder de vista o planejamento das ações, a metodologia, os recursos didáticos e a avaliação emancipatória.

Considerando a educação baseada no acesso e na qualidade, os autores acima citados, elencam alguns pilares de sustentação da EAD em relação ao processo de ensino e aprendizagem:

- As novas tecnologias a serviço do processo, não como um fim, mas como um meio;
- A atenção à diversidade humana, atentando para as diferenças individuais;
- A interatividade como potencializadora do processo de ensino e aprendizagem, pressupondo idas e vindas a conteúdos já estudados;
- A linguagem usada no ambiente virtual é fator primordial para a comunicação e a interação entre os atores do processo, numa perspectiva dialógica e bidirecional, ao longo de todo o trabalho educativo desenvolvido à distância;
- A priorização de uma relação dialógica por meio do material em EAD, incorporando a comunhão de significados e sentidos ao que está sendo estudado;
- A valorização dos saberes do professor e do aluno;
- desenvolvimento sóciocognitivo do aluno como meta central em EAD, com base nas relações sociais;
- A abordagem processual e dialética do processo de avaliação, funcionando como bússola do ensino e aprendizagem.

Planejamento de ensino, elaboração do material didático acessível e de qualidade, salas de aula virtuais com infraestrutura necessária ao seu funcionamento, domínio de conhecimentos relacionados à informática, profundo conhecimento da turma, avaliações planejadas e com fins de melhoria do processo são condições

importantes ao bom desenvolvimento do ensino e da aprendizagem e podem, sobremaneira, ajudar o aluno a adquirir a atitude autônoma e investigativa.

Para Valente, Prado e Almeida (2003), as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) fornecem à EAD possibilidades de operar promovendo a integração entre professores e alunos e aluno-aluno, sendo mais dinâmica, atrativa, possibilitando assim, o desenvolvimento e o exercício da autonomia por parte dos educandos.

Nesta perspectiva, Freire (1997) sustenta a ideia de que a autonomia, a dignidade e a identidade do educando precisam ser respeitadas, caso contrário, o ensino tornar-se-á inautêntico, palavreado vazio e inoperante. E isto só é possível tendo em conta os conhecimentos adquiridos de experiência, feitos pelas crianças e adultos antes de chegarem à escola. Assim, o ser humano é o único capaz de aprender com alegria e esperança, na convicção de que outro mundo é possível. Aprender é uma descoberta criadora, com abertura ao risco e a aventura do ser, pois ensinando se aprende e aprendendo se ensina. Eis aqui, o verdadeiro sentido do termo autonomia.

Ensinar e aprender, por essência, tornam-se uma forma de intervenção no mundo, uma tomada de posição, uma decisão, por vezes, até uma ruptura com o passado e o presente. Pois, quando fala de educação como intervenção, Freire (1997) está se referindo às mudanças reais na sociedade: no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à educação, à saúde.

Um ambiente virtual de aprendizagem capaz de propiciar a autonomia do aluno na construção do conhecimento deve estar conformado dentro de um clima de alta interação. Assim, o aluno poderá ter a capacidade de refletir sobre seu processo de construção do conhecimento, formulando questões de interferências e, continuamente, revendo e reorganizando seu pensamento e tomando consciência do seu processo de aprendizagem e, conseqüentemente, do significado do aprender a aprender.

Entende-se que o ambiente virtual de aprendizagem deve oferecer atividades centradas no aluno ativo, autônomo e disciplinado. O aluno dotado de autonomia acadêmica é aquele capaz de determinar como deve se organizar frente ao processo de aprendizagem, quais são suas dificuldades e necessidades e como deve proceder para superá-las. É preciso que o aluno saiba quais são os objetivos do curso e seus objetivos pessoais, que tenha tempo designado para o estudo, que faça diuturnamente suas

atividades, e participe adequadamente no ambiente virtual, que tenha comprometimento, responsabilidade e ética com sua formação e, ainda, que desenvolva o perfil de um profissional leitor, pesquisador, reflexivo e crítico.

3. Considerações finais

A educação a distância é um processo complexo, que exige de seus atores total envolvimento e ativa participação. Ao contrário do que se pensava, a EAD não é uma modalidade de aprendizagem baseada no “faz de conta”, que “estuda quando sobrar tempo” ou que o professor/tutor não tem trabalho, não tem aula para preparar e nem precisa sair de casa para acompanhar o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno.

Tal equívoco pode ter contribuído para aumentar ainda mais as dificuldades na superação dos desafios próprios dessa modalidade de educação.

O aluno capaz de obter sucesso no ensino a distância precisa ter um perfil bem definido: ter autonomia acadêmica, ser disciplinado, ser organizado com as tarefas, ter a consciência de que é preciso cumprir prazos, ter domínio do manuseio do computador, saber utilizar as tecnologias da informação e da comunicação, ter o hábito de leitura e a capacidade de interpretação; ter senso de pesquisador, utilizar a dúvida e o erro para construir a aprendizagem e ter iniciativa para a construção solitária e coletiva do conhecimento.

É uma situação que não depende somente de o aluno ter o domínio da máquina/computador, mas, sobretudo, ser determinado em aprender, inclusive esta é uma exigência para a aprendizagem autônoma em qualquer modalidade de ensino.

Autonomy development in the learning process on distance education

Abstract. Distance Education is, relatively, a new process in Brazil; a new process that needs effort to succeed and to have courses with unequivocal quality and academic autonomy. This study objective is to consider about the autonomy construction in Distance Education apprenticeship. The methodology used was: qualitative research, of bibliographical and theoretical character, descriptive and exploratory whose data collect technique was a literature analyses. The main authors were: Mizukami (1986); Campos (1991); Freire (1997); Moreira, Arnold e Assumpção (2006); Valente, Prado e Almeida (2003) et al. It's possible to infer that Distance Education could be strengthen as a strong modality, able to compete, with equity, to the regular modality, mainly if all the participants involve themselves and engage with a solid formation of the students.

Keywords: Development. Apprenticeship. Autonomy. Distance Education.

Referências Bibliográficas

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Brasil: Paz e Terra, 1997

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, Mercia; ARNOLD, Stela Beatris Torres; ASSUMPÇÃO, Solange Bonomo. A EAD no processo de democratização do ensino superior no Brasil. In: Desafios da educação a distância na formação de professores. Brasília: Secretaria de Educação a Distância/Ministério da Educação, 2006.

ROCHA, Erothides M. Barros da. O processo de ensino-aprendizagem: modelos e componentes. In: PENTEADO, Wilma Alves. Psicologia e ensino. São Paulo: Papervivos, 1980.

RONCA, Antônio Carlos Caruso. O modelo de ensino de David Ausubel. In: PENTEADO, Wilma Alves. Psicologia e ensino. São Paulo: Papervivos, 1980.

UNESCO. Conferência mundial sobre o ensino superior 2009: as novas dinâmicas do ensino superior e pesquisas para a mudança e o desenvolvimento social. Paris, 05 a 08 de julho de 2009. Disponível em: <<http://www.unesco.org/...2009>>. Acesso em: janeiro de 2012.

VALENTE, J. A.; PRADO, M. E. B.; ALMEIDA, M. E. B. de. Educação a distância via internet. São Paulo: Avercamp, 2003.